

INTERSECÇÕES ENTRE BALÉ, GÊNERO E SEXUALIDADE NA PRODUÇÃO ACADÊMICA NO BRASIL: REVISÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES¹

Recebido em: 15/09/2020

Aprovado em: 19/04/2021

Licença: 

*Maria Thereza Oliveira Souza*²

*André Mendes Capraro*³

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Curitiba – PR – Brasil

RESUMO: O objetivo deste estudo foi descrever como foram tratadas as questões de gênero e sexualidade nas teses e dissertações sobre balé no Brasil até 2019. Foi realizada busca no banco da CAPES e dado maior ênfase analítica aos trabalhos com proximidade aos conceitos e análises históricas, sociais e culturais. Houve um padrão de problematizações referentes à aproximação do universo do balé às características de feminilidade, sendo que isso produz, simultaneamente, o afastamento da lógica social de masculinidade e a estigmatização dos homens que dançam – foram comuns afirmações de que, pelo senso comum, esse ambiente é atrelado à homossexualidade. Acredita-se que uma alternativa viável e talvez inovadora seja admitir a existência de ações subversivas propositais em relação às regras heteronormativas dos homens nesse universo artístico.

PALAVRAS-CHAVE: Balé. Gênero. Sexualidade.

INTERSECTIONS BALLET, GENDER AND SEXUALITY IN ACADEMIC PRODUCTION IN BRAZIL: REVISION OF DISSERTATIONS AND THESIS

ABSTRACT: The aim of this study was to describe how gender and sexuality issues were addressed in the theses and dissertations on ballet in Brazil until 2019. A search was carried out at the CAPES bank and an analytical emphasis was placed on works with proximity to historical, cultural and social concepts and analyzes. There was a pattern of problematizations related to the approximation of the universe of ballet to the characteristics of femininity, and this simultaneously produces a departure from the social logic of masculinity and the stigmatization of men who dance - it was common to

¹ Este estudo contou com o apoio da Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Paraná e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná e doutoranda na mesma instituição. Professora do curso de Educação Física no Centro Universitário Campos de Andrade (Uniandrade), em Curitiba.

³ Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), com estágio pós-doutoral na Università Ca' Foscari di Venezia. Professor do Departamento de Educação Física da UFPR.

say that, by common sense, this environment is linked to homosexuality. It is believed that a viable and perhaps innovative alternative is to admit the existence of purposeful subversive actions in relation to the heteronormative rules of men in this artistic universe.

KEYWORDS: Ballet. Gender. Sexuality.

Introdução

O balé apareceu no Brasil nos últimos anos do século XIX e se desenvolveu nas primeiras décadas do século XX com um ideal de nacionalismo, mesmo que claramente importado da Europa e dos Estados Unidos da América. Foi durante o Estado Novo de Getúlio Vargas que essa arte/dança ganhou tal importância na construção de uma brasilidade (PEREIRA, 2003). No período de seu governo, no ano de 1936, fundou-se a primeira companhia estatal de balé no país – o Corpo de Baile do Theatro Municipal do Rio de Janeiro – nada mais adequado do que abrigar o projeto na capital federal à época e grande caixa de ressonância dos valores modernos do mundo para o Brasil. Após este florescimento, multiplicaram-se as companhias e escolas de balé clássico pelo país.

Característica marcante desta arte é a manutenção de um caráter aristocrático. Além disso, algo bastante visível no contexto ocidental é que, desde o século XIX, após o período romântico do balé, tal prática foi vinculada ao brilho feminino e ao afastamento dos homens (HANNA, 1999). Esta característica se tornou objeto da pesquisa maior de doutorado da autora principal deste texto, tendo em vista que a vinculação da dança e principalmente do balé com o universo e as características das mulheres parece fazer com que os homens que adentram tal espaço sejam vistos de forma estigmatizada pelo senso comum. Assim, o presente trabalho pertence a um compilado de estudos que compõe a tese e seu objetivo é descrever de que forma foram tratadas as questões de gênero e sexualidade nas teses e dissertações relacionadas ao balé produzidas no Brasil até o ano de 2019.

Cabe salientar os entendimentos que se tem sobre esses dois conceitos. Gênero e sexualidade se constituem como elementos identitários. Segundo Jackson (2006), as pessoas “fazem” gênero e sexualidade em suas rotinas diárias. Entretanto, apesar de imbricados, seus significados são distintos. Gênero é um elemento constituinte das relações sociais que se configura a partir de construções culturais feitas sobre os sexos (SCOTT, 1995). Ele está relacionado a forma de se apresentar socialmente e aos mecanismos utilizados para se enquadrar entre o feminino e o masculino (dentro da lógica binária) – gestos, formas de andar, roupas, linguajar, comportamentos (WEST; ZIMMERMAN, 1987). A partir de teorias pós estruturalistas, pode-se também o entender como uma performatividade construída a partir de signos e discursos intencionalmente e continuamente fabricados pelos indivíduos na relação com os outros, na construção de suas identidades, numa ruptura com o simples binarismo (BUTLER, 2004, 2015). Já a sexualidade se refere propriamente ao desejo dentro dessas relações de gênero, ou seja, para que tipos de indivíduos ou corpos o desejo sexual se direciona (RUBIN, 2003). Dentro da ainda corrente lógica binária, isso é representado pelo par homo/heterossexualidade.

Para Guacira Lopes Louro (2008, p. 18), “[...] ser homem e ser mulher constituem-se em processos que acontecem no âmbito da cultura” e é isso que estudos que se debruçam sobre as temáticas de gênero e sexualidade almejam problematizar. Ou seja, de que forma aquele objeto de investigação (nesse caso, o balé), impacta nas concepções sobre o que é ser homem e mulher em sociedade.

Metodologia

A pesquisa partiu de busca no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Tal procedimento atende

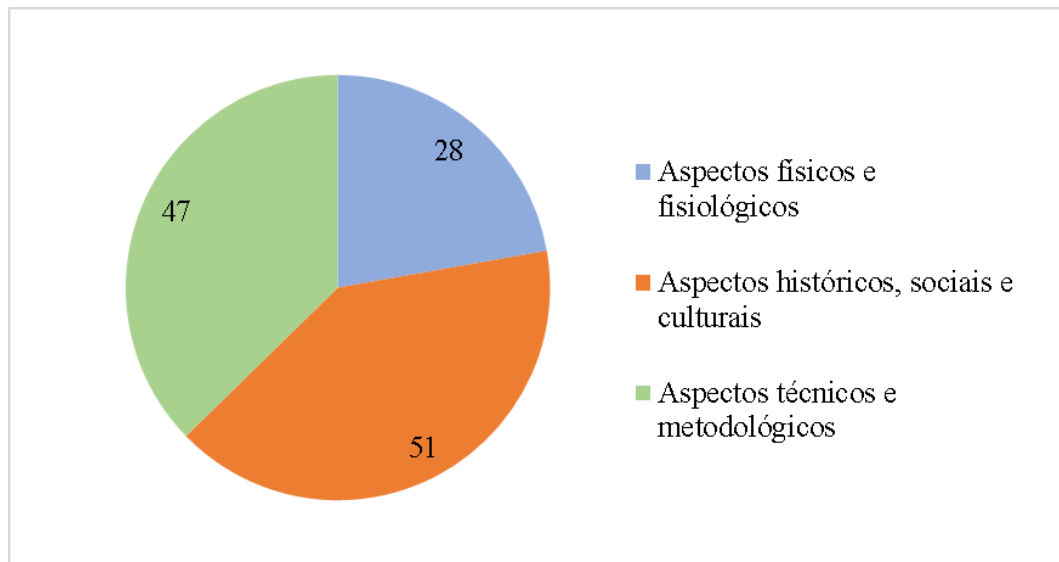
metodologicamente ao que se convencionou chamar de Estado do Conhecimento, que se divide em cinco etapas: “[...] (i) delimitação do tema a ser pesquisado; (ii) estipulação dos bancos de dados a serem utilizados; (iii) delimitação do lapso temporal; (iv) análise dos artigos encontrados relacionados ao tema; e (v) análise crítica” (FREITAS JÚNIOR; FREITAS; PELINSKI, 2018, p. 169). O detalhamento dos dois primeiros passos foi feito acima. Em relação à terceira etapa (delimitação temporal), foi feita da seguinte forma: foram considerados todos os trabalhos catalogados na plataforma, o que gerou o primeiro registro no ano de 1994 e delimitou-se como limite final o ano de 2019 (pesquisa feita em janeiro de 2020). As etapas quatro e cinco correspondem ao processo analítico apresentado no decorrer do trabalho.

Foram encontrados 195 resultados com a palavra *balé* e 180 com a palavra *ballet*. As duas grafias foram consideradas pois esta dança possui as duas nomenclaturas no Brasil e, então, foram excluídos os trabalhos dobrados. Posteriormente, foram selecionados os trabalhos que tinha um desses dois termos no título ou aqueles que continham os termos *bailarinos* ou *bailarinas*. Isso para que fossem delimitados realmente aqueles que tivessem o balé como temática central. Com esse mesmo intuito, foram excluídos aqueles trabalhos que continham qualquer um desses termos relacionados a metáforas para se tratar de outros assuntos que não propriamente o estilo de dança aqui tido como foco – como, por exemplo, a dissertação “O Balé dos Canibais” (SANTOS, 2007), que se trata de uma crítica literária, ou aqueles que tinham em seu título palavras com grafia bastante semelhante ao balé, mas que não necessariamente tinham ligação com essa arte.

Feita essa triagem, restaram 126 trabalhos para serem analisados segundo seus títulos. O procedimento seguinte, então, foi categorizá-los. Na categoria *aspectos técnicos e metodológicos* foram colocados 47 trabalhos, sendo 45 dissertações e duas

teses; a categoria de *aspectos físicos e fisiológicos* ficou com 28 trabalhos, sendo 25 dissertações de mestrado e três teses de doutorado; e, os trabalhos de *aspectos históricos, sociais e culturais*, foram representados por um total de 51, sendo 36 dissertações e 15 teses. A seguir, esses dados foram demonstrados no Gráfico 1:

Gráfico 1: Distribuição dos trabalhos de balé por categorias



Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

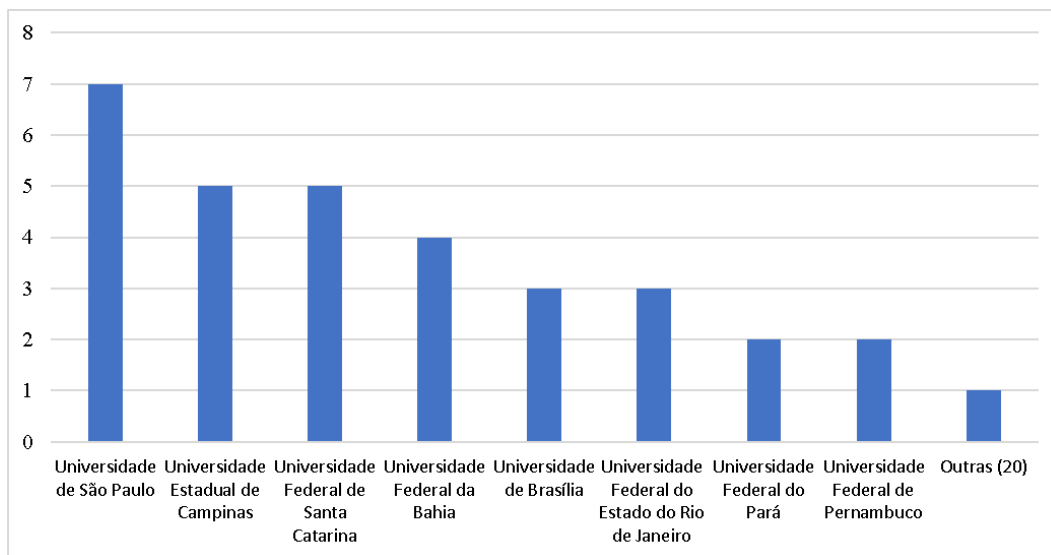
O intuito dessa categorização foi delimitar, ainda pelo título, aqueles trabalhos que tinham mais conexão e aplicação de conceitos e análises pautadas na categoria de *aspectos históricos, sociais e culturais*, pois se sabe que assim seria mais profícua a procura por pesquisas que tangenciassem gênero e sexualidade. Estes foram analisados mais detalhadamente a partir da leitura de seus resumos e palavras-chave, com o objetivo de identificar aqueles trabalhos que possuísem reflexões pautadas nos enquadramentos sociais de gênero e nas características de produção de masculinidades e feminilidades no ambiente do balé. Para tanto, estabeleceu-se o seguinte critério: aqueles trabalhos que tinham algum desses termos – feminilidade, masculinidade, gênero ou sexualidade – nos elementos textuais citados, foram lidos na íntegra e analisados de forma mais aprofundada e detalhada. A aplicação desse último filtro

resultou em um total de oito trabalhos. No tópico seguinte é apresentada, primeiramente, uma análise ampla dos trabalhos categorizados como de *aspectos históricos, sociais e culturais*.

Caracterização e Análise da Produção na Categoria de *Aspectos Históricos, Sociais e Culturais*

Especificamente em relação às características de produção dos trabalhos de *aspectos históricos, sociais e culturais* catalogados no banco da CAPES, abaixo pode ser visualizado, no Gráfico 2, o detalhamento das publicações por Instituição de Ensino Superior (IES). Foram nominadas aquelas instituições que tem mais de uma publicação catalogada no período, sendo as que tiveram apenas uma, englobadas na coluna de “outras”:

Gráfico 2: Distribuição das publicações por IES



Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Percebe-se que a Universidade de São Paulo foi aquela com mais publicações relacionadas ao balé na área de Ciências Humanas, com sete publicações entre teses e dissertações. A Universidade Estadual de Campinas e a Universidade Federal de Santa

Catarina foram representadas em cinco trabalhos cada uma. A Universidade Federal da Bahia possui quatro trabalhos. A Universidade de Brasília e a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro ficaram com três trabalhos cada, enquanto a Universidade Federal do Pará e a Universidade Federal de Pernambuco, dois trabalhos cada.

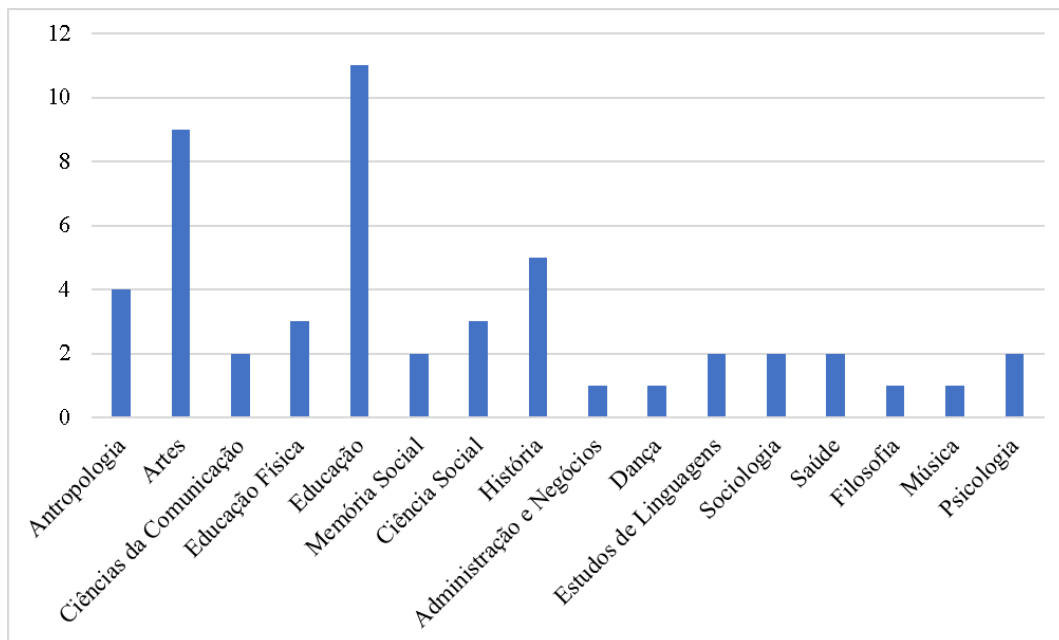
Em relação à distribuição por regiões, destaca-se a região Sudeste, tendo em vista que as publicações somadas dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo totalizaram 24. Isso representa exatamente o dobro da região Sul, que ficou na segunda colocação, com 12 publicações. A região Nordeste teve nove publicações, enquanto a centro-oeste e a norte ficaram com quatro e duas publicações, respectivamente. Essa divisão pode ser explicada por uma série de fatores e interpreta-se aqui dois como principais: primeiramente, o número absoluto de publicações de teses e dissertações no Brasil por regiões segue exatamente a ordem apresentada pelas publicações relacionadas ao balé, sendo que as regiões Sudeste e Sul são aquelas que apresentam maior número de cursos e programas de Pós-Graduação no país (CAPES, 2019); em segundo lugar, observa-se que o balé é um produto característico e importado da Europa, o que o liga à região Sul, tendo em vista existir nessa localidade forte manutenção da tradição europeia iniciada na colonização (SEYFERTH, 2012).

No que tange os cursos nos quais as publicações estão catalogadas, percebe-se que há uma ligação muito forte desta prática física com a arte, pois nove dissertações foram produzidas em programas de pós-graduação ligadas à disciplina de Artes. Em relação às teses, destaca-se a área da Educação, com quatro exemplares. A Educação Física, área de atuação dos autores da presente pesquisa, possui três dissertações dentre 36 e nenhuma tese em um universo de 15. Essa representatividade não tão grande da área de Educação Física corrobora a ideia de que a dança não é uma temática trabalhada de forma contundente no âmbito dessa disciplina. Apesar de ser um dos cinco conteúdos

estruturantes da Educação Física no âmbito nacional (BRASIL,1997), há uma defasagem de conhecimento para a sua aplicação prática (BUOGO; LARA, 2011), fato que se observa também na pequena participação em pesquisas científicas de profissionais da área (ao menos no que tange o olhar das Ciências Humanas e para um objeto específico como o balé).

Na sequência esses dados foram representados, somando-se as duas categorias de trabalhos (teses e dissertações), no Gráfico 3:

Gráfico 3: Distribuição dos trabalhos por cursos de pós-graduação



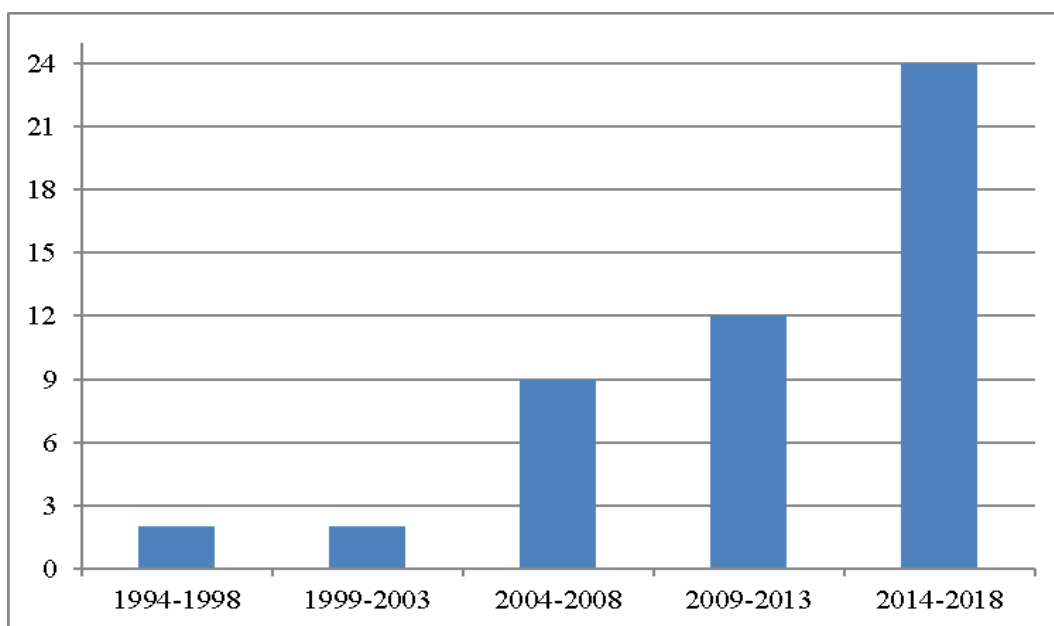
Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

No que tange ao formato de universidade responsável por abrigar as pesquisas, salienta-se que no caso do balé há uma grande predominância de universidades públicas, sendo 30 dissertações defendidas em instituições com esse caráter e apenas seis defendidas em instituições privadas. No caso de teses a proporção é ainda maior, sendo 14 defendidas em universidades públicas e apenas uma em universidades privadas. Tais dados são reflexos da desproporção existente também no número de cursos de pós-graduação ofertados por instituições públicas e privadas no Brasil. Em

2019, dos 4581 programas de mestrado e doutorado existentes no país, 80% (3703) estavam alocados em universidades federais, estaduais ou municipais (MARÉS, 2019).

É possível também identificar um número cada vez maior de publicações por ano, o que pode ser explicado pelo aumento do número de programas de pós-graduação no Brasil e o consequente aumento no número de alunos. Como exemplo, registrou-se que “[...] em dados absolutos o sistema avançou de 3.337 para 4.175 programas entre os anos de 2013 e 2016” (CAPES, 2017). Em 2019, como demonstrado acima, o número já havia subido para 4581. Tendo como base as produções por períodos de cinco anos, desde a primeira publicação encontrada, têm-se que: entre 1994 e 1998 foram publicadas duas dissertações; entre 1999 e 2003 o número se manteve o mesmo – duas dissertações; já entre 2004 e 2008 foram oito dissertações e uma tese; entre 2009 e 2013 dez dissertações e duas teses; e, no último período completo de cinco anos, entre 2014 e 2018, foram encontradas 12 dissertações e 12 teses. No momento de realização da pesquisa (janeiro de 2020) já haviam sido catalogadas também duas dissertações referentes a 2019 dentro desse critério de classificação. Tais dados estão representados, somando-se as duas categorias de trabalhos, no Gráfico 4:

Gráfico 4: Distribuição das publicações por períodos de cinco anos



Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Nesse sentido, cabe salientar que aumenta a dificuldade de acesso aos trabalhos na íntegra na medida em que eles são mais antigos. Sete dissertações e uma tese não tinham seus arquivos disponíveis no banco da CAPES, por serem produções anteriores à implementação da Plataforma Sucupira, e, também não foram encontradas nos repositórios digitais de suas próprias instituições, o que impossibilitou uma análise mais aprofundada. Dessa forma, após a já citada aplicação de filtros, a pesquisa relacionada aos trabalhos centrados no balé e que tivessem alguma relação com os aspectos centrais do presente trabalho, resultou em oito trabalhos, sendo cinco dissertações e três teses.

No primeiro grupo (dissertações): “Cenas do masculino na dança: representações de gênero e sexualidade ensinando modos de ser bailarino”, de Andréa Bittencourt de Souza; “Entre pedaços de algodão e bailarinas de porcelana: a performance artística do balé clássico como performance de gênero”, de Tatiana Mielczarski dos Santos; “Acerca do feminino e do masculino na dança: das origens do balé à cena contemporânea”, de Marília Del Ponte de Assis; “Balé Teatro Guaíra em ‘drama’ – uma

análise sobre representações de gênero num evento coreográfico de transição”, de Tatiana Araújo Berghauser; “Sobre as pontas dos pés: considerações a respeito do ensino do balé clássico, do seu imaginário e da saúde”, de Juliana Siqueira Lopes.

E, no segundo grupo (teses): “Corpo – Escrita no balé: Para repensar o corpo doce da bailarina da caixinha de música em uma pesquisa em educação e arte”, de Daniela Grieco Nascimento e Silva; “Movimentos de uma juventude bailarina: estigma, sexualidade e formação na escola de dança de Paracuru”, de Marcos Antonio Almeida Campos; “Quando dançam os homens: construções de gênero e masculinidades entre bailarinos em Belo Horizonte e Viçosa (MG)”, de Thalita Couto Moreira Lara.

Como afirmado anteriormente, esse conjunto de trabalhos passou por uma análise de caráter mais qualitativo, que será exposta a seguir.

Gênero e Sexualidade no Balé: Uma Síntese das Perspectivas Adotadas

Cabe, antes da análise da produção, uma breve apresentação das pesquisas abordadas.

A dissertação intitulada “Cenas do masculino na dança: representações de gênero e sexualidade ensinando modos de ser bailarino”, de Andréa Bittencourt de Souza, foi defendida no ano de 2007, na Universidade Luterana no Brasil. A autora, que fora bailarina, coreógrafa e produtora, a partir de entrevistas realizadas com bailarinos na cidade de Porto Alegre, investigou “como os homens que dançam [...] lidam com a frequente associação da dança ao feminino e à homossexualidade” (SOUZA, 2007, p. 27). Amparada nos estudos de gênero e sexualidade, ela percebeu que existem barreiras culturais que precisam ser transpostas por homens que decidem dançar balé, principalmente por existir a ideia do “[...] ‘verdadeiro’ homem gaúcho (forte, viril, heterossexual, guerreiro...), algo que é/foi amplamente difundido, mantido, reforçado (e

inventado) no contexto do tradicionalismo” (SOUZA, 2007, p. 54). Nesse sentido, a masculinidade é contestada naqueles homens que praticam algum tipo de dança artística, teatral ou erudita em oposição às danças populares, como a gaúcha, o samba ou o rap. Isso faz com que eles sejam relacionados à homossexualidade, tanto que foi identificado um início bastante tardio deles na prática, contexto diferenciado do que acontece com as meninas, que são inseridas pelos pais nesses ambientes já nos primeiros anos da infância. Apesar disso, ela percebeu que, após passar por esse primeiro momento de interdição, os homens crescem rapidamente no meio da dança, geralmente por fazerem desse ambiente o portador de suas principais aspirações na vida.

A dissertação “Entre pedaços de algodão e bailarinas de porcelana: a performance artística do balé clássico como performance de gênero”, de Tatiana Mielczarski dos Santos, foi defendida em 2009 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ela se pautou em entrevistas com crianças de dois grupos de balé na cidade de Porto Alegre para investigar como a prática dessa dança se converte em performances de gênero. A autora, que também foi bailarina e se dedicou posteriormente ao cargo de professora de Dança Clássica, utilizou sua própria turma para aplicar parte de sua pesquisa, ou seja, um dos grupos já a conhecia como professora. Ela identifica que a prática do balé, para além de proporcionar o aprendizado de um código técnico, é uma forma de ensino sobre as formas de ser menina e se tornar mulher. E, uma das principais características que pôde perceber ao mostrar diversas imagens relacionadas ao balé para as crianças, e questioná-las sobre quais personagens poderiam ou não dançar, foi que há uma grande vinculação dessa arte com o fato de ser bela – com o fato de ser uma *mulher* bela. Apesar de não se debruçar tanto sobre a temática das masculinidades nesse contexto, ela também pontua que no caso dos homens há uma vinculação dos bailarinos à homossexualidade. Além disso, é notável durante a escrita o seu conhecimento técnico

sobre o balé, representado por várias explicações relacionadas às opiniões expostas pelas crianças entrevistadas (SANTOS, 2009).

A dissertação “Acerca do feminino e do masculino na dança: das origens do balé à cena contemporânea”, de Marília Del Ponte de Assis, defendida em 2012 na Universidade Federal de Santa Catarina, traz um panorama histórico de como ocorreram as disputas e as rupturas entre homens e mulheres no ambiente do balé, da dança moderna e da dança contemporânea. Segundo a autora, que também foi bailarina, o início do balé clássico se deu com uma exclusividade masculina nos palcos, mas houve uma inversão a partir de sua profissionalização, quando as bailarinas passaram a ser as grandes estrelas e os homens praticamente sumiram desse espaço, permanecendo, entretanto, como coreógrafos, diretores e professores. Com a emergência do balé contemporâneo, os homens retornaram aos palcos. A dança moderna foi caracterizada por uma revolução e autonomia femininas, proporcionadas pelo fato de que as mulheres estavam nos cargos de direção. Já a dança pós-moderna apresentou características de relativização das diferenças sexuais e possibilitou que bailarinos e bailarinas realizassem os mesmos movimentos. Por fim, a dança contemporânea apresenta momentos de quebra e momentos de manutenção de paradigmas das relações de gênero, sendo que há um incômodo com a vinculação desta às características femininas, o que causa a tentativa de apelo sexual representado nas coreografias. Assim, por meio da análise de um espetáculo específico de dança contemporânea (*Caminho da Seda* – Raça Cia. de Dança de São Paulo, coreografado por Roseli Rodrigues), a autora identificou que existem elementos que apontam para uma ruptura na diferenciação extrema entre papéis masculinos e femininos e uma relativização da representação de submissão (ASSIS, 2012).

A dissertação “Balé Teatro Guaíra em ‘drama’ – uma análise sobre representações de gênero num evento coreográfico de transição”, de Tatiana Araújo Berghauser, foi defendida em 2015 na Universidade Federal do Paraná. A autora tomou como ponto de partida o ano de 2011, no qual houve uma série de iniciativas dos profissionais do teatro, no sentido de tentar aproximar a instituição aos conceitos contemporâneos de dança. Segundo ela, a principal diferença entre coreografias de balé clássico e de dança contemporânea é a possibilidade de improviso e participação na criação das coreografias pelos próprios bailarinos. Ela, que tinha contato com a instituição por também ser bailarina, de forma profissional, realizou entrevistas com pessoas que participaram daquele processo e, também, observou aulas e ensaios entre os anos de 2013 e 2015. A partir da análise de duas peças apresentadas pela instituição ela percebeu que essa mudança relacionada aos aspectos mais tradicionais para aspectos mais contemporâneos na dança não necessariamente passava também por uma mudança nos papéis hegemônicos de gênero para uma representação mais transgressora ou questionadora dessas performances. Isso porque, se por um lado a influência de um pensamento contemporâneo pode afetar significativamente o tratamento dado aos gêneros e aos corpos, por outro, a técnica clássica ainda atua como um referencial generificado (BERGHAUSER, 2015).

A dissertação intitulada “Sobre as pontas dos pés: considerações a respeito do ensino do balé clássico, do seu imaginário e da saúde”, de Juliana Siqueira Lopes, foi defendida em 2016 na Universidade Federal de Pernambuco. A pesquisadora, que também é bailarina e professora de balé clássico, utilizou entrevistas semiestruturadas com 14 professores e 11 alunas de seis escolas de balé privadas na cidade de Recife para investigar a importância e os significados do início de utilização de sapatilha de pontas para as bailarinas. A autora fez uma longa e detalhada descrição histórica sobre a

utilização das sapatilhas no balé e demonstrou bastante conhecimento técnico ao discutir as particularidades e características desse material na rotina desse estilo de dança. Lopes concluiu que há entre as meninas uma grande expectativa para se conquistar o direito de usar as sapatilhas de ponta (o que se dá a partir de avaliação dos professores), tendo em vista que isso indica uma evolução técnica e, também, possibilita a incorporação das características de elegância e delicadeza bastante atreladas a feminilidade da mulher bailarina (LOPES, 2016).

A tese “Corpo – Escrita no balé: Para repensar o corpo doce da bailarina da caixinha de música em uma pesquisa em educação e arte”, de Daniela Grieco Nascimento e Silva, foi defendida em 2017 na Universidade Federal de Santa Maria. Apesar de não ser mais profissional no momento de escrita da tese, a partir de uma autoetnografia a autora utilizou sua própria experiência nos ambientes do balé e registrou significados e acontecimentos dessa trajetória. Amparada nos pressupostos de Michel Foucault, ela afirma que a prática de balé pelas mulheres se constitui como um poder que disciplina os corpos e serve bem ao propósito de formar mulheres enquadradas ao padrão clássico do gênero feminino dentro de uma lógica binária. Incomodada com essa prerrogativa, a autora mesclou pesquisa com projeto prático, pois, como docente da ONG Royale Companhia de Dança, ela propôs para doze bailarinas e um bailarino uma criação coletiva sobre a temática “mulheres na ditadura militar brasileira”, o que resultou na idealização do espetáculo #emmemóriadelas, que foi apresentado no final do ano de 2016 em Santa Maria (RS). Seu objetivo era desconstruir a ideia do *corpo doce* da bailarina, perpetuado pela imagem da *bailarina da caixinha de música*, e, por isso, queria que elas depositassem suas próprias experiências e aspirações na criação artística. Segundo ela os resultados foram satisfatórios, pois houve uma transformação de corpos doces em corpos-escrita (corpos com história e autonomia),

sendo centrais as reflexões sobre as relações de gênero e o empoderamento feminino (NASCIMENTO e SILVA, 2017).

A tese “Quando dançam os homens: construções de gênero e masculinidades entre bailarinos em Belo Horizonte e Viçosa (MG)”, de Thalita Couto Moreira Lara, foi defendida em 2018 na PUC de Minas Gerais. Ela entrevistou homens que dançavam balé clássico, dança contemporânea e danças urbanas nas cidades de Viçosa e Minas Gerais e mostrou que mesmo dentro da dança existem aqueles estilos mais vinculados aos papéis do masculino ou feminino, sendo o balé aquele mais vinculado ao feminino e por isso mais causador de estigma contra os bailarinos homens. A autora percebeu também maior conservadorismo em relação ao seguimento dos padrões heteronormativos daqueles que moravam em cidades menores se comparado à capital mineira. Utilizou a ideia de performances de gênero para salientar que as masculinidades se expressam de variadas formas e não há um padrão único em relação ao seguimento ou não de determinadas normas sociais de gênero ou sexualidade – há, por exemplo, aqueles que performam papéis próximos ao feminino nos ambientes da dança, mas em suas vidas sociais seguem as regras heteronormativas e outros que fogem da heteronormatividade em suas vidas, mas cumprem papéis masculinos normativos na dança (LARA, 2018).

A tese “Movimentos de uma juventude bailarina: estigma, sexualidade e formação na escola de dança de Paracuru”, de Marcos Antonio Almeida Campos, foi defendida na Universidade Federal do Ceará em 2018. O autor, dançarino, realizou pesquisa etnográfica na Escola de Dança Paracuru entre bailarinos. Sua escrita mescla dados de observação com trechos e sentimentos de sua própria vivência nesse meio, tendo em vista que ele, que cresceu em uma pequena cidade, conviveu com o conservadorismo por muito tempo, e relata que sofreu com tais estigmas quando decidiu

dançar. Concluiu que havia grande preconceito na cidade na qual a escola estava localizada em relação aos meninos que ali dançavam e que muitos deles pareciam esconder suas opções sexuais para não sofrerem injúrias ou constrangimentos. Entretanto, percebeu que a consolidação do projeto foi progressivamente causando uma desestigmatização. O casamento entre homens e mulheres bailarinos, por exemplo, e o entendimento da maioria das pessoas de que as diferenças no desejo sexual não acontecem como um resultado da inserção na dança ajudaram no processo de aceitação (CAMPOS, 2018).

Findada as explanações de caráter descritivo, pode-se apresentar nuances gerais sobre os trabalhos analisados, pois, em relação às temáticas trabalhadas, foi possível perceber algumas afirmações recorrentes. A ideia de que o balé clássico ou os estilos artísticos derivados dele são vistos de forma geral como a essência da dança, por exemplo, foi defendida por Souza (2007) e Santos (2009). Além disso, o fato de o balé ser visto como eficaz no sentido de educar a partir de boas maneiras e passar regras de etiqueta, construindo um imaginário de obrigação relacionado ao corpo magérrimo, retilíneo, elegante e forte foi indicado por Lopes (2016) e Nascimento e Silva (2017).

No que tange aos aspectos de gênero ligados a essa prática, Souza (2007), Santos (2009), Lopes (2016), Nascimento e Silva (2017) e Lara (2018) afirmam que o balé é tido como uma forma eficaz de se construir nas meninas o que é ser feminina. Geralmente elas começam a dançar muito mais cedo do que os meninos, pois elas são incentivadas pelos pais (principalmente pela mãe) a adentrar na modalidade ainda nos primeiros anos da infância e os meninos enfrentam barreiras para esse ingresso. Tal fato demonstra como os aspectos de condutas ditas femininas ou masculinas são apreendidas e recebem incentivos para tal. Isso corrobora a afirmação de Linda Nicholson (2000, p. 10), de que o “gênero tem suas raízes na junção de duas ideias importantes do

pensamento ocidental moderno: a da base material da identidade e a da construção social do caráter humano (NICHOLSON, 2000, p. 10).

Conceito recorrente e caro nessas pesquisas foi o de heteronormatividade, que se caracteriza como o conjunto de normas sociais que indicam os comportamentos adequados aos indivíduos, no sentido de controle social das condutas, que parecem naturalizar a heterossexualidade e as formas clássicas de atuar como homens ou mulheres. Sua delimitação foi feita em época posterior aos movimentos feministas que formularam as conceituações de gênero e atualmente serve para dar um caráter mais completo e vasto aos estudos sobre as normatizações sociais. A heteronormatividade provoca tanto homofobia contra os “desviantes” quanto um rígido controle para as relações e condutas heterossexuais (MISKOLCI, 2009) – homem como provedor, confiante, objetivo e forte, e mulher como sensível, amorosa e delicada. Nesse contexto, o exprimir das emoções, aspecto característico do balé e das artes de uma maneira geral, contraria a ideia vigente de virilidade e, conseqüentemente, as lógicas heteronormativas direcionada aos homens (SARTRE, 2013; THUILLIER, 2013). Esse fato explica a dificuldade de aceitação social daqueles que dançam os estilos clássicos, como pontuado nos trabalhos analisados.

O contexto histórico do balé foi retratado em todos os trabalhos a partir de referência à clássica obra de Judith Hanna (1999), um dos únicos sobre a temática publicados em português. A autora enfatiza que a história do balé foi permeada por mudanças de importância do masculino e do feminino. Há, nesse sentido, uma constante referência à mudança que ocorreu na época romântica dessa prática, no século XIX, quando as mulheres se tornaram protagonistas nos palcos e os homens sumiram dos holofotes (BEUGHAUSER, 2015; NASCIMENTO E SILVA, 2017; CAMPOS, 2018). Isso faz com que haja, segundo Souza (2007), Assis (2012), Berghauser (2015),

Nascimento e Silva (2017), Lara (2018) e Campos (2018), desde essa época, uma recorrência da ligação do balé e dos estilos derivados dele com a homossexualidade masculina.

Por fim, Souza (2007), Assis (2012), Berghauser (2015) e Lara (2018) afirmam que, apesar de todas as barreiras e estereótipos, alguns homens homossexuais parecem procurar o balé para reforçarem suas identidades.

Percebe-se, assim, que o binarismo identificado pelas pesquisas ainda tem efeitos claros na vida dos indivíduos, que ora se conformam aos preceitos da heteronormatividade e ora os enfrentam. O balé para homens parece ser uma das atividades que confrontam tais normas, pelo menos em países ocidentais, pois na Rússia, por exemplo, há uma valorização grande do homem bailarino, sendo este, inclusive, considerado símbolo de virilidade. O contexto russo, entretanto, pode guardar aspectos de camuflagem, tendo em vista as constantes normatizações e proibições governamentais feitas em relação a ações não heterossexuais.

Vale pontuar ainda que a aproximação do balé ao universo feminino se reflete também na própria produção acadêmica sobre a temática – do total de 51 trabalhos categorizados como de aspectos históricos, sociais e culturais, apenas oito foram escritos por homens. Além disso, do total de oito trabalhos analisados de forma mais detalhada após a aplicação dos filtros, ou seja, que tangenciassem gênero, sexualidade e balé, foram sete publicações escritas por mulheres e apenas uma por homem. Isso demonstra que esta é mais uma subárea na qual as temáticas de gênero e sexualidade são de maior interesse das mulheres, visto que, tal assunto, desde o seu surgimento com maior força nas discussões acadêmicas e sociais tem maior participação delas.

Deve-se levar em conta também que, dos oito trabalhos esmiuçados, sete foram escritos por autores com algum vínculo anterior com o balé ou com outro estilo de

dança, o que pode indicar que essa é uma temática de pouco interesse para pesquisadores externos, talvez em decorrência da pouca exposição que essa arte tem no Brasil. Além disso, tal viés de pesquisar assuntos próximos ao cotidiano dos pesquisadores pode ser considerado algo típico da área de Ciências Humanas. Isso fez com que os autores tivessem que lidar com a proximidade excessiva ao objeto em suas pesquisas e não fosse raro que os próprios salientassem as dificuldades de estranhar o conhecido ao se debruçar sobre a temática.

Considerações Finais

A pesquisa buscou identificar o tratamento teórico e analítico dado por pesquisadores, em teses e dissertações, às temáticas de gênero e sexualidade vinculadas ao balé no Brasil.

Observou-se que as pesquisas seguem um padrão de problematizações referentes à aproximação do universo do balé às características de feminilidade, sendo que ele é identificado, inclusive, como um instrumento na construção desse ideal.

Isso produz, simultaneamente, o afastamento da lógica social de masculinidade e a estigmatização dos homens que dançam – foram comuns afirmações de que, pelo senso comum, esse ambiente é atrelado à homossexualidade. Assim, em muitos momentos, esses estudos tematizaram as dificuldades enfrentadas pelos meninos e homens a partir do momento em que adentram esse universo.

Acredita-se que uma alternativa viável e talvez inovadora para os próximos estudos é que se admita a existência de ações subversivas propositais por parte dos homens presentes no universo artístico do balé em relação às regras heteronormativas. Alguns estudos aqui retratados trabalharam com *insights* relacionados a isso, mas não se

detiverem na temática, que pode ser fulcral para entender as identidades que permeiam essa prática.

REFERÊNCIAS

ASSIS, M. D. P. **Acerca do masculino e do feminino na dança:** das origens do balé à cena contemporânea. 2012. 130 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

BERGHAUSER, T. A. **Balé Teatro Guaira em “Drama”:** uma análise sobre representações de gênero num evento coreográfico de transição. 2015. 201 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Educação Física.** Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997. 68 p.

BUOGO, E. C. B.; LARA, L.M. Análise da dança como conteúdo estruturante da Educação Física nas diretrizes curriculares da educação básica no Paraná. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, v. 33, n. 4, 2011. Disponível em: <http://www.rbce.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/811/702>. Acesso em: 28 abr. 2021.

BUTLER, J. **Deshacer el género.** Buenos Aires: Paidós, 2004. 392 p.

_____. **Problemas de gênero** – feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. 288 p.

CAMPOS, M. A. A. **Movimentos de uma juventude bailarina:** estigma, sexualidade e formação na Escola de Dança de Paracuru. 2018. 203 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

CAPES. Avaliação da CAPES aponta crescimento da pós-graduação brasileira. 20 set. 2017. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/36-noticias/8558-avaliacao-da-capes-aponta-crescimento-da-pos-graduacao-brasileira>. Acesso em: 09 ago. 2019.

FREITAS JÚNIOR, M. A.; FREITAS, G. M. S.; PELISNKI, P. Estado da arte/Estado do conhecimento: uma análise das pesquisas esportivas. *In:* FREITAS JÚNIOR, M. A.; RAUSKI, E. F. (org.). **Possibilidade metodológicas para a abordagem do esporte nas Ciências Sociais.** Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2018. p. 151-174.

HANNA, J. **Dança, sexo e gênero:** signos de identidade, dominação, desafio e desejo. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. 420 p.

JACKSON, S. Gender, sexuality and heterosexuality: the complexity (and limits) of heteronormativity. **Feminist Theory**, v. 7, n. 1, 2006. Disponível em <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1464700106061462>. Acesso em: 28 abr. 2021.

LARA, T.C.M. **Quando dançam os homens**: construções de gênero e masculinidades entre bailarinos em Belo Horizonte e Viçosa (MG). 2018. 184f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

LOPES, J.S. **Sobre as pontas dos pés**: considerações a respeito do ensino do balé clássico, do seu imaginário e da saúde. 2016. 172 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Saúde, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2, 2008. Disponível em: <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643470>. Acesso em: 28 abr. 2021.

MARÉS, C. Instituições públicas oferecem 80% dos programas de pós-graduação do país. **Folha de S. Paulo**, Rio de Janeiro, 16 maio 2019. Agência Lupa. Disponível em: <http://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/05/16/universidades-federais-pos-graduacao/>. Acesso em: 17 jan. 2020.

MISKOLCI, R. A Teoria Queer e a Sociologia. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, n. 21, 2009. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/sociologias/article/view/8863>. Acesso em: 28 abr. 2021.

NASCIMENTO E SILVA, D. G. **Corpo-Escrita no balé**: para repensar o corpo doce da bailarina da caixinha de música em uma pesquisa em educação e arte. 2017. 213 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.

NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. **Estudos feministas**, Florianópolis, ano 8, v. 2, 2000. Disponível em: <http://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11917>. Acesso em: 28 abr. 2021.

PEREIRA, R. **A formação do balé brasileiro**. Rio de Janeiro: FGV, 2003. 316 p.

RUBIN, G. Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. **Cadernos Pagu**, Campinas, s/v, n. 21, 2003. Disponível em: http://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1229/rubin_pensando_o_sexo.pdf?seq. Acesso em: 28 abr. 2021.

SANTOS, K. J. C. **Balé dos canibais**: leitura de contos de Moacyr Scliar e vivência em sala de aula. 164f. 2007. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2007.

SANTOS, T. M. **Entre pedaços de algodão e bailarinas de porcelana**: a performance artística do balé clássico como performance de gênero. 2009. 95 f. Dissertação

(Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SARTRE, M. Virilidades gregas. *In*: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. (org.). **História da Virilidade**: a invenção da virilidade – da Antiguidade às Luzes. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 17-70.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 28 abr. 2021.

SEYFERTH, G. Memória coletiva, identidade e colonização: representações da diferença cultural no sul do Brasil. **MÉTIS: história & cultura**, Caxias do Sul, v. 11, n. 22, 2012. Disponível em: <https://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/1574>. Acesso em: 28 abr. 2021.

SOUZA, A.B. **Cenas do masculino na dança**: representações de gênero e sexualidade ensinando modos de ser bailarino. 2007. 151 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2007.

THUILLIER, J. P. Virilidades romanas: vir, virilitas, virtus. *In*: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. **História da Virilidade**: a invenção da virilidade – da Antiguidade às Luzes. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 71-124.

WEST, C.; ZIMMERMAN, D. Doing Gender. **Gender & Society**, v. 1, n. 2, 1987. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/189945?seq=1>. Acesso em: 28 abr. 2021.

Endereço do(a) Autor(a):

Maria Thereza Oliveira Souza
Endereço Eletrônico: mariathereza_souza93@yahoo.com.br

André Mendes Capraro
Endereço Eletrônico: andrecapraro@gmail.com